

---

# A PROBLEMÁTICA DOS MÉTODOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS EM BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA\*

Cassandra Lúcia de Maya Viana Souza  
Mestranda em Biblioteconomia e Documentação  
Universidade de Brasília  
70910 Brasília, DF.

## RESUMO

*Apresenta a literatura publicada sobre a controvérsia: métodos quantitativos x métodos qualitativos. Identifica o posicionamento geral dos pesquisadores em Biblioteconomia e Documentação quanto à escolha dos métodos para suas investigações. Sugere a adoção de uma postura mais crítica frente ao caráter positivista das pesquisas, buscando favorecer o desenvolvimento teórico e a coerência com a realidade social em que estão inseridos usuários e informação.*

---

## 1 \_ INTRODUÇÃO

Algumas indagações de ordem epistemológica ainda pairam no ar quando se considera a Biblioteconomia como "Ciência", no sistema científico geral. Há lacunas no conhecimento e as críticas sofridas apontam ausência de uma estrutura teórica sistematizada, tendência excessivamente pragmática etc.

Nesse contexto, a pesquisa em Biblioteconomia e Documentação reveste-se de maior importância por ser nela que se apoiam as esperanças dos estudiosos de fazer avançar o conhecimento e de ver seus esforços reconhecidos. Daí a crescente preocupação com a questão metodológica.

Em todas as ciências, a determinação dos métodos a serem utilizados nas pesquisas é precedida e acompanhada de uma série de implicações tanto no âmbito do pesquisador, do fenômeno estudado, como da própria estrutura do campo de conhecimento no qual se realiza o estudo.

Na tentativa de esclarecer este fato, são analisadas algumas diferenças, limitações,

vantagens e desvantagens de ambos os tipos de métodos, em confrontação com a natureza dos problemas de pesquisa e do próprio objeto das ciências humanas, já que a problemática dos métodos quantitativos e qualitativos em Biblioteconomia está intimamente relacionada a essa questão no âmbito daquelas ciências.

Especificamente, os objetivos do presente estudo são:

- analisar a problemática dos métodos quantitativos e qualitativos de modo a conhecer as bases da controvérsia existente;
- verificar qual tem sido o posicionamento geral da Biblioteconomia e Documentação quanto à escolha dos métodos para suas investigações;
- verificar o âmbito da aplicabilidade de um e outro tipo de método a essas ciências.

A literatura consultada abrange, basicamente, artigos de periódicos da área, e alguns outros documentos de caráter mais geral sobre métodos de investigação.

## 2 — O QUE SÃO MÉTODOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS?

Uma definição clara desses tipos de métodos não foi encontrada na literatura consultada.

---

\* Trabalho apresentado à disciplina "Pesquisa em Biblioteconomia", em junho de 1988.

Porém, utilizando-nos de indicações, descrições de tipos e diferenças entre um e outro, tentaremos obter uma noção do que sejam,

Goode & Hatt<sup>1</sup>, referindo-se aos métodos quantitativos, falam em "utilização de técnicas estatísticas" e, ainda, em "aplicação da matemática à sociologia". Bem, sabe-se que é comum aos métodos quantitativos o uso de técnicas estatísticas e modelos matemáticos. Kaplan<sup>2</sup> fala em "medições" e em "técnicas matemáticas", enquanto que Busha & Harter<sup>3</sup> identificam dois tipos distintos de dados quantitativos: um, como resultado de contagens e outro, a partir de medições.

Quanto aos métodos qualitativos, Hounsell & Win<sup>4</sup> consideram como sendo aqueles que partem de modelos não tradicionais, isto é, não baseados em análise estatística de dados coletados sob condições experimentais. Já Brenner<sup>5</sup>, citando W.J. Filstead, considera que a "metodologia qualitativa" é aquela que "... permite ao pesquisador estar próximo dos dados, desenvolvendo, de uma ou outra forma, os componentes analíticos, conceituais e categóricos da explicação a partir dos próprios dados — melhor do que através de técnicas preconcebidas, rigidamente estruturadas e altamente quantitativas, que restringem o mundo social empírico dentro das definições operacionais que o pesquisador constrói".

Goode & Hatt<sup>1</sup> mencionam alguns desses métodos: análise de conteúdo de documentos, estudos de casos e código qualitativo. Outros tipos, mencionados por outros autores como pertencentes a esta categoria, foram: método histórico, observação participante, observação estruturada e não-estruturada, revisão de literatura, entrevista, pesquisa de campo, diário e amostragem de atividades.

Quanto a isso, observou-se a inexistência de critérios para inclusão destes na categoria de métodos qualitativos. Supõe-se que tal fato se deva à própria inexatidão na definição e na amplitude do termo "qualitativo", ou, ainda, porque as suas possibilidades de utilização e estrutura podem variar significativamente, dando margem a dúvidas. E assim as fronteiras entre um e outro tipo, entre uma categoria e a outra, não seriam tão marcantes. Um exemplo disso é dado por Wilson<sup>6</sup>, que demonstra como, na metodologia aplicada para o Projeto INISS, a observação estruturada foi utilizada também como uma técnica quantitativa.

As diferenças entre os dois grandes grupos de métodos aqui analisados foram mencionados por Grover & Glazier<sup>7</sup> em termos da lógica usada para fazer inferências a partir dos dados coletados. As metodologias quantitativas usam uma lógica muito próxima à lógica da matemática, enquanto que as metodologias qualitativas utilizam-se de uma lógica muito semelhante à lógica de classes. Segundo esses autores, a pesquisa qualitativa envolve um processo dialético: coleta de dados descritivos, análise e, posteriormente, generalizações. Os dados, assim, são tratados por um processo de análise ou crítica que produz uma generalização baseada naquele tipo de raciocínio, que permitiria penetrar no significado dos dados existentes. Os métodos quantitativos, por sua vez, assim como a maioria das pesquisas nas ciências naturais, usam o processo inverso: estabelecem primeiro uma generalização, e depois a testam.

Há divergências, também, quanto à formulação de conceitos. Na abordagem quantitativa inicia-se com uma hipótese, confirmada ou refutada com base em dados ou evidência obtida por meios empíricos; e, aplicando aos dados o raciocínio dedutivo, são, então, formulados aqueles. Na abordagem qualitativa, porém, é o raciocínio indutivo que possibilita a sua formulação.<sup>7</sup>

Hounsell & Winn<sup>4</sup>, citando outros autores, levantam algumas outras distinções. Um dos autores mencionados, P. Halfpenny, afirma que, entre as várias opiniões existentes, há aquelas que consideram a diferença em termos de que um é exploratório e de desenvolvimento, enquanto o outro, usando categorias *a priori*, é uma pesquisa estatística baseada mais em amostras de população que em estudos de casos isolados. Um seria "pesquisa que toma conhecimento do significado que as ações têm para aqueles que as praticam", enquanto o outro seria "estudo de um mundo no qual os objetivos e os acontecimentos são considerados como destituídos de significado".

Para os primeiros autores, a distinção quantitativos X qualitativos identifica apenas uma dentre uma variedade de formas em que os modelos não-convencionais contrastam com o chamado "científico". Seria uma questão mais de natureza que de extensão de um determinado fenômeno<sup>4</sup>

A essa altura, já se pode intuir que há outros fatores em jogo para uma melhor compreensão e diferenciação destes métodos. O que seria esse modelo chamado de "científico"? Que

falhas pode ter esse modelo a ponto de se proporem alternativas? Que relação pode haver entre a natureza do fenômeno estudado e a escolha dos métodos?

Tentaremos dar respostas a essas indagações no desenvolvimento deste estudo. Primeiramente, procuraremos aprofundar-nos em algumas propriedades dos métodos, como fatores que podem impor limitações à sua aplicação.

### 3 — PROPRIEDADES DOS MÉTODOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

Qualquer que seja o tipo de abordagem adotada, sempre nos deparamos com o problema das suas limitações na representação de todo o universo relativo ao fenômeno investigado. Algumas dessas limitações são inerentes aos próprios métodos de pesquisa, sejam eles quantitativos ou qualitativos.

Quanto aos primeiros, Hounsell & Winn<sup>4</sup>, aceitando a opinião de E.G. Mishler e de M. Q. Patton, afirmam que a busca quantitativa por generalizações leva a uma simplificação ou obscurecimento das complexidades dos universos em que os indivíduos vivem e trabalham. Esses métodos podem falhar pelo não reconhecimento de que a verdade tem vários lados, e por não considerarem que os modos de ação dos indivíduos são moldados pelas suas próprias e distintas visões da realidade cotidiana. Acreditam, Hounsell & Winn, que é necessário entender o indivíduo em uma situação de "vida real".

Podemos perceber que aí pode haver um componente crítico em relação ao empiricismo dessas abordagens, isto é, uma preocupação com o controle de variáveis, levando ao estudo do fenômeno sob condições artificiais.

Entretanto, há falhas comuns a ambas as abordagens. Uma delas é quanto ao reconhecimento e descrição das relações entre fenômenos, ao final do processo de aplicação de raciocínio indutivo (qualitativa) ou dedutivo (quantitativa). É o que afirmam Grover & Glazier<sup>7</sup>.

Existem, ainda, vantagens e desvantagens próprias de determinados métodos específicos de cada uma das grandes categorias aqui analisadas. A observação estruturada e os estudos de caso foram alguns dos tipos sobre os quais se encontraram comentários quanto a esses aspectos.

À observação estruturada atribuem-se limitações tais como: a necessidade de muito tempo de dedicação ao estudo; dificuldade, por parte do observador, na interpretação de algumas atividades pela rapidez na ocorrência dos eventos; amostragem pequena; resultados dependentes de preparação dos observadores para a utilização do método; e outras. Porém, considera-se que é extremamente útil na investigação de problemas sobre os quais pouco se sabe; é igualmente útil tanto para construção de teoria como para sua verificação; possibilita uma visão ampla do meio ambiente, o que facilita o estudo, especialmente quando vários fatores atuam simultaneamente, além de outras vantagens<sup>7</sup>.

Quanto aos estudos de caso, Stenhouse<sup>8</sup> considera que podem melhorar o julgamento do praticante através da ampliação de sua experiência e do caráter mais reflexivo e analítico que fornece a essa experiência.

Em um âmbito mais geral, os métodos qualitativos possibilitam ao pesquisador acadêmico uma nova compreensão do fenômeno, não previamente examinável em sua totalidade<sup>9</sup>. São um ponto de apoio para tópicos não manuseáveis em estudos formais ou para aqueles não reconhecidos como merecedores de investigação; aumentam a capacidade da pesquisa produzir interesses, assuntos, inquietações, teóricos ou práticos, e responder àqueles dos investigadores; e elevam a conscientização metodológica por exigirem análise e exposição explícita do papel do pesquisador na produção e interpretação dos dados<sup>10</sup>.

A maioria dos autores consultados ressalta as características positivas das abordagens qualitativas. Porém, isto não é suficiente para se compreenderem as razões que levaram os dois últimos autores citados a fazer objeções quanto aos métodos convencionais ou "científicos".

Talvez algum esclarecimento possa advir do reconhecimento de que os métodos existem em função dos problemas de pesquisa, e, portanto, a eles devem ser adequados.

Sobre isso Grover & Glazier<sup>7</sup> dizem que "uma metodologia pode ser julgada superior a outra dependendo da sua aplicação em uma dada situação", e ainda, que "cada estágio de um projeto envolve um aspecto da totalidade do problema de pesquisa. É através da análise do problema de pesquisa que o método apropriado é descoberto".

Essas afirmações servem apenas para confirmar o fato de que nenhum método pode ser considerado bom ou ruim, superior ou inferior a outro, por si mesmo, ou de forma decisiva. Segundo Oldman<sup>11</sup>, a seleção de metodologias envolve um princípio de relatividade, isto é, "o formato do projeto depende da natureza do problema que originou a pesquisa. Um problema inicial pode ser traduzido em mais de um tipo de projeto ou forma".

Apesar disso, ainda há uma valorização de estudos cujo projeto será pré-planejado, não manipulativo, e que envolva análise de muitos casos, tipo *survey*, por corresponderem ao rótulo de "Ciência" (método quantitativo)<sup>11</sup>. Esse tipo de concepção baseia-se no princípio de que os outros tipos de abordagens, não-quantitativas, por envolverem maior contato entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, estão sujeitas à "contaminação", a um viés proveniente de ideologias ou interpretação errônea do investigador.

Sobre isso, diz Brenner<sup>5</sup> que "a busca de métodos para obterem-se medições não sujeitas a vieses, e, em última análise, que garantam a validade dos dados obtidos, vem da própria dificuldade da realização, na prática, das teorias de medição estabelecidas, por serem estas incompatíveis com as reais condições sociais e psicológicas nas quais os dados são coletados".

Neste ponto estamos já nos defrontando com o âmago da controvérsia quantitativos X qualitativos. Vejamos, então, mais exatamente, de que se trata.

#### 4 — QUANTITATIVOS X QUALITATIVOS: APENAS UMA QUESTÃO DE MÉTODOS?

O que vem ocorrendo, atualmente, na Biblioteconomia e Documentação em relação à discussão aqui focalizada parece estar vinculado à própria discussão quanto ao caráter científico ou não das ciências humanas. Supõe-se que, estas últimas, por seu surgimento formal posterior ao das ciências naturais e na busca de uma maior respeitabilidade e *status* dentro do sistema das ciências, teriam sido levadas a utilizar os métodos já existentes, cujos padrões de validade e confiabilidade e caráter experimental eram garantidos pela aplicação de técnicas matemáticas e estatísticas. Sob o princípio de que a precisão desses métodos poderia ser transplantada para aquelas, conferindo-lhes a desejada denominação formal de "ciências", esqueceram-se da natureza complexa e não

mecânica de seu objeto, adotando amplamente os métodos quantitativos.

Porém, confirmadas ou não nossas suposições quanto à origem da atual situação, o fato é que, durante muito tempo, e até hoje, atribui-se uma superioridade dos métodos quantitativos em relação aos outros não baseados no mesmo paradigma.

A controvérsia iniciou-se exatamente quando grupos de pesquisadores começaram a questionar a validade do modelo vigente para o estudo dos problemas sociais, já que o comportamento dos indivíduos não era regido por leis determinísticas. Surgiu, então, a necessidade de se criarem e buscarem novos métodos. Daí a "nova onda" por métodos qualitativos.

A questão do paradigma sob o qual foram desenvolvidos os métodos é importante para a verificação da racionalidade que guiou nossas suposições.

#### 4.1 — PARADIGMAS E OUTROS FATORES IMPLÍCITOS

Vários autores (Olaisen<sup>12</sup>, 1985; Wilson<sup>6</sup>, 1981; Hammersley<sup>13</sup>, 1981; Harris<sup>14</sup>, 1981; Hounsell & Winn<sup>10</sup>, 1981), afirmam que o problema da aplicação dos métodos quantitativos às ciências sociais reside no modelo hipotético-dedutivo, próprio das ciências naturais, que os fundamenta.

Olaisen<sup>12</sup> faz uma análise mais profunda dessa questão. Utiliza uma tipologia desenvolvida por F. Galtung, que identifica três orientações científicas quanto ao papel do pesquisador e aos objetivos da investigação: empiricismo, criticismo e construtivismo. Considera que "a orientação determina a relação entre os dados, as teorias e os valores do pesquisador"<sup>12</sup>.

No empiricismo, cuja origem é atribuída a Augusto Comte, a visão "positivista" coloca a ciência como monista, fiscalista (naturalista) e reducionista, isto é, todo o saber possível é reduzido a um único campo científico: o das ciências naturais; daí as noções de "ciência unificada" e "método científico único". Daí também a concepção do comportamento humano como sendo governado por leis invariantes, que devem, preferencialmente, ser formuladas em termos matemáticos e, então, formalizadas como teorias. Para isto, conceitos comportamentais devem ser tratados do mesmo

modo que as entidades físicas: isolados, manipulados experimentalmente e medidos<sup>12</sup>.

Esse modelo, também chamado de hipotético-dedutivo, é aquele a que nos referimos no início deste tópico.

Os métodos quantitativos, portanto, estão impregnados desse tipo de visão de mundo, de homem, de ciência etc., que são transferidas para todos os elementos envolvidos na investigação. O tipo de visão implícita no modelo adotado influencia o comportamento do fenômeno ao ser tratado e afeta, preponderantemente, o próprio pesquisador, dirigindo seu pensamento e, conseqüentemente, o seu procedimento no processo de pesquisa.

Wilson<sup>6</sup> diz que "a escolha do método de pesquisa é claramente relacionada a um *paradigma* global dentro do qual se pretende trabalhar". Apresenta uma tabela, cujos dados foram obtidos a partir do trabalho de E. G. Guba, mostrando os vários paradigmas existentes e que foram favorecidos por diferentes grupos de pesquisadores, em épocas diferentes, suas respectivas técnicas fundamentais e visões da verdade.

Todos esses fatos mencionados demonstram que por trás da questão metodológica residem outros fatores a serem considerados, que também impõem limitações à pesquisa. Pode-se dizer, portanto, que a suposta inferioridade atribuída às abordagens qualitativas não têm um fundamento lógico como se pretendia, mas baseia-se em critérios tão subjetivos quanto outros que são criticados pelo chamado "pensamento científico",

Como alternativa, alguns propõem o uso de vários métodos ou técnicas, simultaneamente, ou ainda uma combinação deles (Hounsell & Winn<sup>10</sup>, 1981; Olaisen<sup>12</sup>, 1985; Wilson<sup>6</sup>, 1981), de modo que não se esteja vinculado a um único paradigma, o que tem acarretado certa tendenciosidade às pesquisas.

Aqui cabe uma reflexão: como ficam, então, os critérios de validade da pesquisa, já que os paradigmas limitam a visão do pesquisador? A questão dos paradigmas não deveria ser analisada para se considerar uma investigação válida?

A objetividade, validade e confiabilidade, como critérios para a credibilidade da pesquisa, também têm sido alvo de críticas por parte de alguns autores, e a este assunto voltaremos a

nos referir, mais adiante, no tópico "O objeto das ciências humanas".

Quanto a outros fatores, implícitos, que também influenciam na opinião dos pesquisadores, Oldman<sup>11</sup>, analisando algumas críticas comumente feitas às pesquisas qualitativas, levantou, para cada uma, as verdadeiras razões que as originaram. Conclui ele que essas críticas são, freqüentemente, expressões de interesses não demonstrados explicitamente, e puramente ideológicas no sentido de que apoiam uma estrutura social em que algumas classes dominam as outras. A exigência de hipóteses explícitas, por exemplo, pode ser pano de fundo para critérios de caráter pessoal: preocupação com o resultado final ou benefícios da pesquisa, interesses de grupos específicos etc. Também as críticas quanto ao envolvimento do pesquisador, viés ou contaminação do objeto, envolvem uma concepção de que o pesquisador e o pesquisado têm interesses diferentes ou opostos. Segundo o autor, isto até pode ser verdade nos casos em que pessoas ou instituições pagam pela pesquisa a ser feita com outras pessoas, com o propósito de impor a elas certas condições subseqüentemente. Nestes casos, embora as pesquisas sejam feitas sob um presumível espírito de auxílio, utilidade pública ou generosidade, elas envolvem, de um lado, aqueles que irão *fazer coisas*, e de outro, aqueles *para os quais as coisas serão feitas*. O objetivo principal, então, é verificar se o pesquisador está "do lado certo". "As diferenças de interesse é que levam a distinções no âmbito metodológico."<sup>11</sup>

Essa sua última afirmação pode estar relacionada à questão dos paradigmas, já que cada modelo inclui propósitos e concepções específicos de determinados grupos, em determinadas épocas.

Ainda em relação às diferenças de interesses, pode ser levantada a suposição de um possível vínculo com a dicotomia teoria X praxis, com a distinção pesquisa X avaliação<sup>14</sup>, ou ainda pesquisador X praticante<sup>9</sup>.

Exon<sup>9</sup> comenta que interesses pragmáticos muitas vezes se sobrepõem à atividade teórica, sendo a pesquisa formal, em muitos casos, "condenada", isto é, não divulgada, por ter utilidade prática limitada. Segundo esse autor, a credibilidade relativa dos diferentes métodos varia em função das diferentes proporções de difusão no meio profissional.

Se tomarmos essa afirmação como verdadeira e considerarmos que os métodos quantitativos

são os mais apropriados para avaliações, e, conseqüentemente, os mais utilizados em situações práticas, pode ser, então, justificada a sua maior credibilidade em relação aos qualitativos. A suposta "preferência" por parte dos pesquisadores seria, portanto, mais uma questão conjuntural do que de convicção.

Contudo, o aumento da credibilidade foi encarado como demonstração de superioridade de uns sobre os outros.

#### 4.2 — O OBJETO DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Parece um tanto óbvio afirmar que as ciências humanas estudam fenômenos diferentes daqueles das ciências naturais. É necessário, porém, compreender melhor essas diferenças de forma a poder ser confirmado o seu vínculo com a questão metodológica.

Goldhor<sup>15</sup> aborda as relações entre variáveis na pesquisa em Biblioteconomia, de natureza semelhante à daquelas de outras ciências humanas, e afirma que os fenômenos, nestas ciências, estariam mais sujeitos a leis de probabilidade que a leis mecânicas, já que a relação de causa e efeito opera em base aproximada e não em termos absolutos. Segundo ele, a complexidade dos fenômenos leva a supor mesmo um sistema de causas múltiplas no qual os fatores, podem atuar tanto diretamente como em interação com outros.

Conhecendo esses fatos, é possível entender por que Harris<sup>14</sup> decidiu não utilizar o modelo clássico (hipotético-dedutivo) em seu projeto para incorporar a educação do usuário nos programas acadêmicos.

Stenhouse<sup>8</sup> comenta que, enquanto nas ciências físicas os experimentos dependem do controle das variáveis, nas ciências da vida, do comportamento e ciências sociais este controle torna-se cada vez mais difícil. Esta dificuldade provém da impossibilidade de se isolar o comportamento humano das reais condições em que ocorre.

Grover & Glazier<sup>7</sup>, citando W. Dunn, expressam aquilo que consideram como diferença fundamental entre as ciências naturais e as ciências sociais: "Enquanto nas primeiras assume-se que a criação, disseminação e utilização do conhecimento não dependem, em grande parte, do significado subjetivo do conhecimento para o conhecedor, nas metodologias qualitativas focalizam-se os aspectos subjetivos daquele fenômeno".

O reconhecimento de que indivíduo e sociedade são inseparáveis, de que um comportamento individual é influenciado pelos membros dos grupos sociais em uma relação de interdependência mútua, levou ao desenvolvimento de metodologias como o "interacionismo simbólico"<sup>7</sup>. Essa metodologia, assim como a "sociologia fenomenológica" e outras, baseia-se parcialmente em paradigmas minoritários e possibilita melhor habilitação para lidar com fenômenos sociais (Brenner<sup>5</sup>, citando vários autores).

Já Piaget<sup>16</sup> considera que, apesar das diferenças do objeto de estudos, o intercâmbio de métodos com as ciências naturais é salutar, levando a uma tendência recíproca de "naturalizar" as ciências do homem e de "humanizar" as ciências naturais.

É certo que não se pode negar as contribuições trazidas tanto pelo métodos (quantitativos) como por estruturas teóricas dessas ciências, que foram aplicados a pesquisas das ciências humanas em geral. Entretanto, é preciso impor limites a essas "adaptações" de modo a evitar distorções na realidade social.

Ao que parece, as ciências naturais têm "filtrado" eficientemente as possibilidades de aplicação de outros tipos de métodos ao seu objeto, garantindo a manutenção de sua estrutura original através dos critérios rigorosos que lhe são próprios.

O mesmo não tem acontecido no âmbito das ciências humanas. Com efeito, W. J. Filstead, citado por Brenner<sup>5</sup>, diz que os cientistas sociais "têrrvse ocupado em moldar, reformular e deturpar o campo social empírico para se encaixar no modelo usado para investigá-lo. Sempre que possível, a realidade social é ignorada".

Patrick Wilson, citado por Olaisen<sup>12</sup>, afirma em seu livro *Secondhand Knowledge* que o progresso nas ciências sociais (incluindo a Biblioteconomia) tem sido extremamente lento, apesar do uso cada vez maior de métodos das ciências naturais.

Se forem tomadas como verdadeiras as conclusões de Wilson, poder-se-á afirmar, então, que o processo de "naturalização" preconizado por Piaget não pode ser tomado como condição necessária para fazer avançar o conhecimento nas ciências humanas. Para sermos mais exatos, não parece haver mesmo uma correlação significativa entre a utilização de métodos de outras ciências e o desenvolvimento científico.

Um fator que demonstra ser mais determinante nesta questão é a fundamentação teórica dessas ciências. Lacunas na atividade teórica certamente podem dificultar o avanço do conhecimento.

Uma das fontes de antagonismos entre os métodos, e que se relaciona ao problema teórico, é mostrada por Oldman<sup>11</sup>, ao referir-se à natureza do conhecimento nas ciências sociais. Segundo ele, há dois modos de conhecer: um pela contingência (padrões de ocorrência), explicando-se os fenômenos dentro de uma estrutura de leis ou conjunto de leis. O outro seria através da compreensão, isto é, da racionalidade pela qual os indivíduos percebem, definem e reagem às situações. Aqui a explicação é obtida a partir do entendimento do fenômeno pelas pessoas.

Verificou esse mesmo autor que algumas pesquisas não consideravam ambos os modos como importantes, enfatizando um em detrimento do outro, e, com isto, optando por ser ou quantitativa ou qualitativa. "Esta escolha implica uma relação de certo modo assimétrica entre o pesquisador e o seu objeto de estudo".

Existem, também, nas ciências sociais, técnicas de análise de dados, como a mencionada por Hammersley<sup>13</sup> e Grover & Glazier<sup>7</sup>: "teorização básica" envolvendo uma fase de amostragem teórica, e outra de "triangulação e indução analítica". Essa metodologia visa desenvolver a fundamentação teórica da sociologia, e é aplicável às demais ciências do homem, que têm objetos semelhantes.

Os critérios de validade e confiabilidade dos dados em ciências humanas também são fatores decisivos. A suposta preocupação com a objetividade tem sido um argumento favorável à crescente utilização dos métodos quantitativos.

Oldman<sup>11</sup> argumenta que "toda pesquisa, de qualquer modo que seja conduzida, é igualmente vulnerável ao viés, emoção, negligência, mudança de direção, erro lógico e mesmo fraude... Objetividade é como um convenção legitimada em relação ao que um método particular já produziu, e não uma qualidade intrínseca de determinado método".

Segundo I. Deutscher, citado por Brenner<sup>5</sup>, a adoção do modelo "científico" nas ciências sociais "resultou em uma preocupação desmedida com problemas metodológicos centrados na questão da confiabilidade e numa negligência quanto ao problema da validade...

Concentramo-nos na consistência, sem dar muita atenção a se estamos sendo consistentes ou se estamos sendo consistentemente certos ou errados. Como consequência, podemos ter estado aprendendo, em grande parte, sobre como perseguir uma direção incorreta com o máximo de precisão".

Hammersley<sup>13</sup> diz que a preocupação quase exclusiva com testes (verificação), característica da tradição "positiva"\*, leva a se ter como meta da pesquisa a validade das hipóteses, mais que o estabelecimento de teorias válidas e bem desenvolvidas.

Para Goldhor<sup>17</sup>, "quando os dados ou evidência são válidos, são necessariamente dignos de confiança, mas dados dignos de confiança não são necessariamente válidos, tal como tem sido de sobejo constatado. Além de serem dignos de crédito, os dados válidos devem também ser relevantes, ou pertinentes". Esta afirmação se coaduna com as considerações de I. Deutscher quanto à ênfase na questão da confiabilidade, servindo como um alerta quanto aos erros que daí podem provir.

## 5 — OS MÉTODOS E AS "CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO"

As pesquisas na área de informação utilizam-se de metodologias de estudo das ciências sociais, portanto é natural que toda a problemática abordada anteriormente a tenha afetado de algum modo.

Vejamos, primeiramente, qual tem sido o seu posicionamento geral. Alguns autores (Olaisen<sup>12</sup>, Hounsell & Winn<sup>10</sup>, Mostafá<sup>18</sup>) afirmam que, no campo da Biblioteconomia, os métodos predominantes são os baseados no modelo hipotético-dedutivo de pesquisa, e, portanto, quantitativos.

Segundo Exon<sup>9</sup>, foi por volta de 1970 que começou o questionamento quanto aos métodos estabelecidos. Em 1979, J.M. Brittain enfatizou a natureza não cumulativa da pesquisa nas ciências do comportamento (fonte para os métodos de estudos de usuários). Em 1980, J. Allred expressou suas suspeitas quanto às implicações éticas e sociais dos métodos

\* O termo é utilizado para designar a concepção que preconiza a existência de um universo social objetivo. O termo também é utilizado, às vezes, vinculado à predominância de medidas quantitativas, generalizações e uso de controle físico e estatístico na pesquisa social.

baseados em pesquisas operacionais para avaliações de serviços. Ainda, um simpósio promovido pela BLRDD analisou a "nova onda" de métodos qualitativos usados por pesquisadores da informação.

As conseqüências da tendência quantitativa nas "ciências da informação" são mencionadas por alguns autores. Hounsell & Winn<sup>10</sup> afirmam que a predominância desse tipo de abordagem despersonalizou o fornecimento de informações e o seu uso, isolou-os das situações em que ocorrem e dirigiu o enfoque para o indivíduo, excluindo desse processo os aspectos sociais. Olaisen<sup>12</sup> diz que a Biblioteconomia, limitando-se à orientação funcionalista (lógica empiricista), permaneceu unidimensional, voltada para a tecnologia e a solução de problemas administrativos, de recuperação de informações e de estudos de usuários. Mostafá<sup>18</sup> comenta que essa ciência "enclausurou o seu objeto na formalização do mensurável" e que não deveria ficar limitada à relação causa-efeito.

Assim como nas demais ciências humanas, as lacunas teóricas representam o maior problema das "ciências da informação". A pesquisa é um elemento fundamental para superar essa situação crítica. Porém, segundo Grover & Glazier<sup>7</sup>, citando as opiniões de outros autores, têm faltado pesquisas criativas, conceitualmente estruturadas e que se utilizem de uma maior variedade de metodologias.

Ao que parece, o rigor da pesquisa quantitativa pouco tem contribuído para enriquecer a essência teórica da Biblioteconomia e Documentação. E este continua sendo um fator primordial para o seu estabelecimento formal como "ciência".

## 6 — CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Resumidamente, pode-se dizer que a problemática dos métodos quantitativos e qualitativos se originou da concepção de que haveria uma superioridade intrínseca dos métodos quantitativos em relação aos outros. O questionamento desse modo de pensar levou à busca de novos métodos mais adequados aos problemas enfocados e à própria natureza do objeto das ciências humanas, gerando uma movimentação a favor dos métodos qualitativos.

A Biblioteconomia e Documentação, de um modo geral, adotavam, e ainda adotam, preferencialmente, o modelo hipotético-dedutivo baseado em contagens e medições.

Entretanto já há determinados grupos de pesquisadores, conscientes das limitações de tal paradigma, que têm procurado soluções alternativas para os problemas da pesquisa e das lacunas teóricas nessas ciências.

De acordo com a literatura, as metodologias qualitativas parecem ser mais eficientes e adequadas para a natureza do objeto das "ciências da informação", estimulando um desenvolvimento teórico mais abrangente e mais coerente com a realidade social em que estão inseridos usuários e informação.

É necessário, porém, esclarecer, que não se está propondo exclusividade para esse tipo de método, assim como não se pode propor o simples incremento da pesquisa como solução para os problemas da área. O estímulo à realização de pesquisas, somente, não será suficiente para sanar as deficiências existentes, se não for aprofundada a estrutura teórica, especialmente se a tendência empiricista não for dosada e seus métodos bem empregados.

Os métodos devem servir às ciências, e não o contrário. Por isso são válidas as propostas de que se utilizem vários métodos ao mesmo tempo, o que não só garantiria maior confiabilidade e validade às pesquisas, como evitaria a tendenciosidade paradigmática. Outra opção seria a combinação de vários métodos, mas é importante, também, que se busquem e criem novas alternativas.

Os próprios critérios "naturalistas" de validade e confiabilidade deveriam ser reavaliados, tendo em vista a possibilidade do "viés paradigmático" e a própria natureza do objeto das ciências humanas. Esses dois elementos, a nosso ver, já são, por si mesmos, motivo suficiente para que as "ciências do homem" procurem assumir seu caráter de "ciências" através da auto-afirmação estrutural e metodológica, e não permaneçam à espera do reconhecimento pelas chamadas "exatas", que sempre as considerarão, segundo seus próprios parâmetros empiricistas, incompatíveis com o caráter não determinístico, não-mecânico, daquelas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 GOODE, W.J. & HATT, P.F. Alguns problemas na análise qualitativa e na análise do caso. In: ----- . *Métodos em pesquisa social*. 3. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. cap. 19, p. 398-433.

- 2 KAPLAN, A. Medidas. In: ————. *A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento*. São Paulo, Herder, Editora da Universidade de São Paulo, 1972. cap. 5, p. 177-220.
- 3 BUSHA, C.H. & HARTER, S.P. Measurement and statistical methods: an introduction. In: ————. *Research methods in Librarianship: techniques and interpretation*. New York, Academic Press, 1980. chap. 7, p. 191-9.
- 4 HOUNSELL, D. & WINN, V. Qualitative approaches to the study of information problems. *Social Science Information Studies*, 1(4):205-56, July, 1981.
- 5 BRENNER, M. Problems in collecting social data: a review for the information researcher. *Social Science Information Studies*, 1(3):139-51, April 1981.
- 6 WILSON, T.D. A case study in qualitative research? *Social Science Information Studies*, 1(4): 241-6, July, 1981.
- 7 GROVER, R. & GLAZIER, J. Implications for application of qualitative methods to library and Information Science research. *Library and Information Science Research*, 7(3):247-60, Jul./Sept., 1985.
- 8 STENHOUSE, L. Using case study in library research. *Social Science Information Studies*, 1(4):221-30, July, 1981.
- 9 EXON, F.C.A. Methodological problems in user studies, and the organization of in-house library research. In: INTERNATIONAL RESEARCH FORUM IN INFORMATION SCIENCE, 5, September 5-7, 1983. *Proceedings*. Amsterdam, Elsevier Science Publishers, 1984. p. 245-70. Ed. by H. J. Dietschmann.
- 10 HOUNSELL, D. & WINN, V. Concluding comments. *Social Science Information Studies*, 1(4): 255-6, July, 1981.
- 11 OLDMAN, D. Sources of antagonism to qualitative research. *Social Science Information Studies*, 1(4):231-40, July, 1981.
- 12 OLAISEN, J. L. Alternative paradigms in Library Science: the case for paradigmatic tolerance and pluralism. *Libri*, 35(2):129-50, June, 1985.
- 13 HAMMERSLEY, M. Using qualitative methods. *Social Science Information Studies*, 1(4):209-20, July, 1981.
- 14 HARRIS, C. The travelling workshops experiment: an attempt at illuminative evaluation. *Social Science Information Studies*, 1(4):247-53, July, 1981.
- 15 GOLDHOR, H. Causação. In: ————. *Pesquisa científica em Biblioteconomia e Documentação*. Brasília, VIPA, 1973. p. 98-107.
- 16 PIAGET, J. As ciências do homem, as da natureza e o sistema das ciências. In: ————. *A situação das ciências do homem no sistema das ciências*. Lisboa, Bertrand, c 1970. v. 1, cap. 6, p. 103-19.
- 17 GOLDHOR, H. O método científico de investigação. In: ————. *Pesquisa científica em Biblioteconomia e Documentação*. Brasília, VIPA, 1973. p. 29-40.
- 18 MOSTAFÁ, S.P. A produção de conhecimentos em Biblioteconomia. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 11(2):221-9, jul./dez. 1983.

## THE CONTROVERSY OF QUANTITATIVE AND QUALITATIVE METHODS IN LIBRARIANSHIP AND DOCUMENTATION: A LITERATURE REVIEW

### ABSTRACT

Presents a review on the controversy: quantitative methods x qualitative methods, reported by Library Science's periodicals. Identifies the general attitude of researchers working with this science, concerning to their choices on investigative methods. Suggests a critical approach in analysing and choosing methods to be adopted in order to avoid positivistic tendency within the existing research works and to seek for theoretical development and connection with social environment enclosing information and users.